

E-PÍSTOLAS: VIDEOPOESIAS DE MATILDE CAMPILHO E A RELAÇÃO BRASIL-PORTUGAL NESTA LITERATURA AUDIOVISUAL

TIAGO RADATZ KICKHÖFEL¹; PROF^a. DR^a. CLÁUDIA LORENA FONSECA²

¹Universidade Federal de Pelotas – tiagadatz@gmail.com

² Orientadora - Universidade Federal de Pelotas – bejotaka@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O trabalho apresenta os resultados iniciais da pesquisa em andamento sobre as relações entre Brasil e Portugal na literatura contemporânea. Parte, para tanto, das videopoesias da poeta portuguesa Matilde Campilho a fim de, além de definir o conceito de *e-pistola*, refletir no suporte desta literatura - a internet - a virtualidade proximal desta relação histórica. Assim, discorre sobre a linguagem desta forma do literário que transcende o papel e na imagem e som se constrói, bem como alguns reflexos deste deslocamento na matéria que compõe o *corpus* deste trabalho; a discussão sustenta-se na leitura crítica da videopoesia *Fevereiro*, da poeta Matilde Campilho, onde se ouvem, à voz da “remetente”, confissões e saudades em tom epistolar, acompanhadas de imagens em vídeo que localizam destinador, nunca destinatário - uma portuguesa no Rio de Janeiro, um leitor no mundo -. Esta definição do caráter epistolar da poesia de Campilho não tem com taxonomias, uma vez que a própria poeta não define sua produção nestes termos (e esta não é uma preocupação da literatura contemporânea), mas serve à caracterização da sua poesia, necessária a esta pesquisa. Assim, a fundamentação teórica que aporta a discussão versa sobre a literatura na internet (ANTONIO, 2005; RAMOS, 2013), videopoesia (FAJARDO, 2002; GARCIA, 2010; AMÂNCIO, 2012), questões da lusofonia (LOURENÇO, 2001; MEDEIROS, 2005), epistolografia portuguesa (ROCHA, 1965; PRADO, 2010) e relações entre Brasil e Portugal na literatura contemporânea (LUCAS, 2015).

2. METODOLOGIA

As etapas da pesquisa que desencadearam este trabalho foram, sequencialmente, leitura da obra poética da autora portuguesa Matilde Campilho e de outros autores com os quais sua produção dialoga. Em seguida, seleção do *corpus* específico da pesquisa e das correntes da crítica literária capazes de dar suporte às necessidades da obra em questão. Por fim, a análise da articulação destas teorias com a videopoesia selecionada, que gerou o conceito original de *e-pistola*, o qual este trabalho busca definir.

A metodologia que orienta a pesquisa, própria dos estudos comparados em literatura, fulcra-se na hibridação de teorias literárias com temas latentes no *corpus* deste trabalho, explicitados na introdução. Eis que engendra seu método na articulação de correntes da crítica literária, como sociologia da literatura, estudos culturais e literatura comparada.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As relações socioculturais entre Brasil e Portugal analisadas pela perspectiva literária, embora muito discutidas pela crítica, quase sempre foram pesquisadas tomando por base a influência colonialista da matriz na cultura brasileira; e, no que tange à modernidade, aparece o conceito de lusofonia centralizando um ideal de

unificação dos povos falantes de língua portuguesa, ou, nas palavras de LOURENÇO (2001), “um cimento natural de comunhão entre os povos que falam a mesma língua”, e justamente pelo foco linguístico, seus reflexos são visíveis na literatura, ainda que com uma série de problematizações que relativizam este conceito. O que o presente trabalho busca discutir são essas questões na contemporaneidade, observando em seus desdobramentos literários as atualizações das tradições culturais imbricadas nestas inclusões; justamente graças a este empenho, o *corpus* da pesquisa serve tão bem, por se tratar de uma autora portuguesa com forte influência do lugar de enunciado, o Brasil, e cuja matéria poética versa, em tom epistolar (marca de uma certa tradição literária portuguesa) sobre a distância física e metafísica entre a poeta e o destinatário de sua poesia, formalizando-a em uma linguagem experimental do fazer poético, a videopoiesia. Deste modo rompe, ou melhor, atualiza forma, matéria e tradição literária. Observa-se essas questões, portanto, na videopoiesia *Fevereiro*, da poeta Matilde Campilho, disponível em seu canal no Youtube, publicada em março de 2014.

A poeta lisboeta que este ano lançou, com boa repercussão da crítica e do público, seu primeiro livro de poesias, *Jóquei*, publicado também no Brasil pela Editora 34 (livro mais vendido na FLIP 2015), já demonstrava sua sensibilidade com as palavras em um canal de vídeos despretensioso no Youtube, onde publicou uma série de videopoiesias nas quais declama, em tom epistolar, experiências, saudades e amores para um destinatário anônimo, acompanhada de imagens e músicas que, muito além de ilustrar a poesia, significam-na por meio do signo icônico e sonoro; por exemplo, em *Fevereiro*, logo nos primeiros versos declamados, onde a poeta atenta seu destinatário sobre a seriedade do que narra “Escute só, isto é muito sério, anda, escute que isto é sério”, a imagem que acompanha sua voz é de uma palmeira, símbolo tropical que já nos primeiros segundos poderia significar toda a poética da obra, se pensarmos na citação mais célebre da literatura brasileira sobre a árvore, a *Canção do Exílio*. Mesmo não estando em sua terra, mas na terra das palmeiras, a inversão do sentido da poesia de Gonçalves Dias não se concretiza, pois não gera a ideia de deslocamento, o que possibilita à poeta seguir declamando a saudade e o amor, “o mercúrio solto no mundo”, uma vez que o sentido da poesia não está no afastamento geográfico, mas espiritual.

Um estudo sobre a epistolografia portuguesa de caráter literário, onde a voz feminina se manifesta quase que com exclusividade, fez-se fundamental para compreender a videopoiesia em um contexto mais amplo e, posteriormente, definir o conceito de e-pistola. Já em “Cartas Portuguesas”, de 1669, de autoria designada à Mariana Alcoforado, se observa a matéria de *Fevereiro*: a saudade e o amor. Esta observação encontra suporte no momento político e social de Portugal do século XVII, o período das navegações e ampliação territorial, onde os homens partiam em longas viagens e deixavam as mulheres com suas penas, em termo ambivalente. Esta remissão histórica encontra sua analogia na segunda imagem de *Fevereiro*, o mastro de uma embarcação (15”). É nesse contexto que a pesquisadora PRADO (2010, p. s/n) percebe que as “Cartas Portuguesas constituem-se, dentro da Literatura Lusa, como um importante elemento formador do imaginário amoroso português de voz feminina”. Com seu correspondente também na música portuguesa, o fado.

No entanto, não somente a caracterização epistolar da poesia contemporânea é delicada, uma vez que a virtualidade poética de Campilho também a afasta do campo já tênue da literatura epistolar e problematiza-o ainda mais, ao formalizá-la em imagens em movimento e som publicadas na internet, pois, por um lado, o caráter de segredo, um dos atributos que determinam o estatuto ficcional ou literário

da escrita epistolar, de acordo com ROCHA (1965, p.14), é corrompido, e, por outro, a virtualidade proximal proporcionada pela rede globalizada poderia, no mínimo, diluir o conteúdo da *e-pistola* nesta ilusão.

É importante, neste contexto, observar a realização literária na internet e localizar a produção da poeta neste quadro. FAJARDO (2011) percebe três ocorrências desta manifestação literária na rede: primeiro, uma “memória fugaz”, global, imediata, ubíqua, cuja transcendência “está marcada pelo que podem perdurar os textos na rede”; em consequência, o segundo ponto é a importância do momento presente nesta realização, o agora, o instante que recusa a perpetuidade, em contraste com a literatura tradicional, assimila as noções do consumismo de compra, uso e descarte e as transporta à estética; a terceira ocorrência comum é a hipermediatização da poesia, como a iconografia poética, que descentraliza o uso verbal, pondo-o em trânsito com imagens e outros signos. Na poesia videótica, o caráter efêmero de realização sofre o paradoxo da eternidade do registro videográfico e sua ocorrência, como menciona o autor, se dará pela constância de público leitor. Quanto a “iconoadição” à poesia, esta é fundamento primordial da construção videopoética. Eis que a hibridação destas duas reflexões (epistolografia poética e literatura na internet) levaram à criação do conceito de *e-pistola* para caracterizar o *corpus* deste trabalho, bem como localizar o espaço de criação literária em questão.

Nesse sentido, a universalização da poética de Matilde Campilho põe à prova a relação literária problemática entre Brasil e Portugal, presente ainda hoje. A crítica portuguesa Isabel Lucas, em ensaio recente sobre esta questão na contemporaneidade, aponta uma série de lacunas, traumas e a impenetrabilidade cultural entre estas nações, que vão desde cicatrizes históricas do período colonial até a carência da academia de intercâmbio literário; exemplifica esta falha com uma percepção do escritor brasileiro Luiz Ruffato sobre o sistema literário e esta problemática em Portugal: “É o trauma do colonizado em relação ao colonizador. E os portugueses olham-nos com uma certa arrogância e desconfiança: o brasileiro é malandro [...]. É o cliché a funcionar. Há pouca troca, apesar dos elogios de circunstância. Os brasileiros ainda sabem alguma coisa de literatura portuguesa porque ela é ensinada na universidade. Em Portugal isso não acontece”. Aí, mais uma vez, a literatura de Matilde Campilho aparece como uma exceção. Ela não apenas produziu boa parte da sua literatura aqui no Brasil, como publicou com excelente repercussão seu primeiro livro de poesias aqui. Em entrevista a um programa de televisão português ela ainda se diz ser meio brasileira, meio portuguesa. Um verso de *Fevereiro* resume muito bem esta dicotomia “aceitação/inserção”, aos 2’40” ela diz, no mais belo tom melancólico, que “a essa hora na Terra é metade Carnaval, metade conspiração”, o que serve bem como analogia desta relação conflituosa: conspiração que reflete seu trauma na literatura, Carnaval como símbolo idealizado de um Brasil estigmatizado.

4. CONCLUSÕES

Com a pesquisa, pode-se perceber que a poesia audiovisual da poeta Matilde Campilho problematiza diversas questões latentes nas tênues fronteiras literárias, sobretudo a inclusão de outros signos e formas textuais em seu escopo. O que a discussão buscou apresentar foram estas questões sob um análise crítica que legitimasse não somente a videopoiesia como produto do literário, mas também seu espaço de realização, o que gerou o conceito original aqui definido como *e-pistola*; bem como seus desdobramentos sociais nos reflexos da relação entre

Brasil e Portugal na literatura contemporânea, posto à prova pela inserção incomum da poeta portuguesa no sistema literário brasileiro.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONIO, J. L. **Poesia eletrônica: negociações com os processos digitais**. 2005. Dissertação (Doutorado em Comunicação e Cultura – Signo e Significado nas Mídias) – Curso de Pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

AMÂNCIO, C. M. O conceito de videopoesia e a não obrigatoriedade de presença da linguagem verbal nessas obras. **Texto Digital**. Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 202-220, jan./jul. 2014.

CAMPILHO, M. **Fevereiro**. Canal de vídeos “Macmakuu”, Youtube, publicado em 11 de março de 2014. Acessado em 27 mar. 2015. Online. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VasLnEWnAxY>

CAMPILHO, M. **Jóquei**. São Paulo: Editora 34, 2015, 1ª edição.

CULTURA ÍPSILON. **Portugal e Brasil: orgulho e preconceito entre duas literaturas**, por LUCAS, I. Publicado em mar. 2015. Acessado em 16 jun. 2015. Online. Disponível em: <http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/portugal-e-brasil-orgulho-e-preconceito-entre-duas-literaturas-1690391>

FAJARDO, C. F. Poesía y posmodernidad - Algunas tendencias y contextos. **Revista das Artes**. Buenos Aires, n. 26, 2011.

GARCIA, A. A. Da videopoesia à imagem digital. In: BELMIRO, C. A.; MACIEL, F. I. P.; BAPTISTA, M. C.; MARTINS, A. **Onde está a literatura?** Seus espaços, seus leitores, seus textos, suas leituras. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

LOURENÇO, E. **A nau de Ícaro e Imagem e miragem da lusofonia**. São Paulo: Cia das Letras, 2001

MENDES, P. C. P. Lusofonia: discursos e representações. **O cabo dos trabalhos**: revista eletrônica dos programas de mestrado e doutoramento do CES / FEUC / FLUC, nº 1, P. 1-27, 2006.

PRADO, P. F. As cartas portuguesas e a tradição do “amor infeliz” na Literatura portuguesa de voz feminina. **Revista Línguas & Letras**. Cascavel, v. 11, n. 21, p. 1-17, 2010.

PRADO, P. F. O modelo epistolar das Cartas Portuguesas. **Revista Travessias**. Cascavel, v. 5, n. 2, p. 627-643, 2011.

RAMOS, T. C. **A literatura brasileira na internet: implicações do digital na narrativa**. 2013. Tese (Mestrado em Teoria da Literatura) – Curso de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco.

ROCHA, A. C. **A epistolografia em Portugal**. Coimbra: Almedina, 1965.